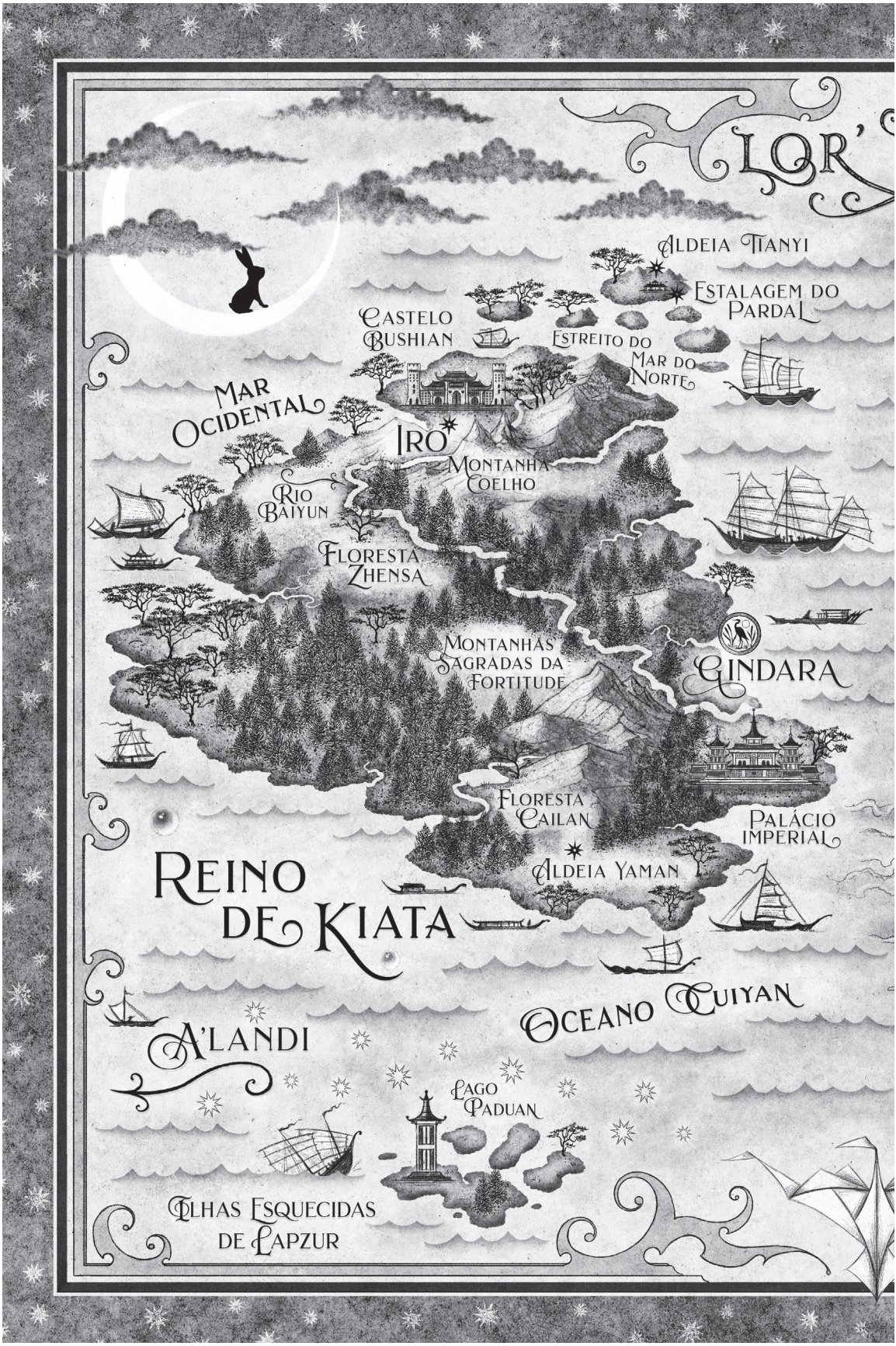

LOR'
ALDEIA TIANYI
ESTALAGEM DO PARDAL
CASTELO BUSHIAN
ESTREITO DO MAR DO NORTE
MAR OCIDENTAL
IRO
MONTANHA COELHO
RIO BAIYUN
FLORESTA ZHENSA
MONTANHAS SAGRADAS DA FORTITUDE
GINDARA
FLORESTA CAILAN
PALÁCIO IMPERIAL
ALDEIA YAMAN
REINO DE KIATA
OCEANO CUIYAN
A'LANDI
LAGO PADUAN
ILHAS ESQUECIDAS DE LAPZUR


YAN
MAR TAIJIN
MONTE RAYUNA
AI'LONG
REINO DOS DRAGÕES
PALÁCIO DO REI DRAGÃO
ILHAS TAMBU
SUNDAU

Sempre detestei escrever cartas. Os meus tutores costumavam dizer que eram uma prova de intelecto e de reflexão — e também de caligrafia. Mas a minha letra sempre se pareceu mais com a de um ganso do que com a de uma princesa. Ninguém gosta de receber cartas de gansos. Mesmo que o ganso seja da realeza.

Sei que isso não é desculpa para nunca te ter escrito, Takkan. Se pudesse mudar o passado, teria respondido a todas as tuas cartas. Li-as, finalmente, e não imaginas como foi reconfortante rir com as tuas histórias e imaginar que crescemos juntos. Gostava de te ter perguntado o nome no dia em que nos conhecemos — éramos crianças, estávamos no Festival de Verão e eu perdi o teu papagaio.

Ultimamente, tenho pensado nesse papagaio e em como deve estar a voar e a voar sem ter para onde ir, sem ter onde aterrar. Às vezes sonho que sou eu. Que não há fim para a minha linha. Que já não pertenço a lado nenhum.

Pergunto-me se era assim que a minha madrasta se sentia. Custa-me saber que nunca lhe vou poder perguntar.

Quando encontrares isto, já estarei no reino dos dragões. Não sei quanto tempo estarei fora. Poderão ser dias, poderão ser semanas, meses. Espero que não sejam anos.

Se não regressar a tempo do inverno, lembra-te de mim quando a neve cair, e sempre que comeres rabanetes.

A tua sopeira favorita,
Shiori



Capítulo Um

O fundo do Mar Taijin sabia a sal, lama e desilusão. Exceto por alguns poucos raios de luz misteriosa, estava tão escuro como o mais profundo abismo. Não parecia o magnífico reino aquático a que os dragões chamavam lar.

Sentei-me nas costas de Seryu quando ele abrandou e os seus longos bigodes vibraram em direção a um raio em particular. Talvez fosse da minha imaginação, mas o raio brilhava mais do que os outros, quase violeta.

— Pronta? — perguntou Seryu.

Pronta para quê?, pensei, mas acenei com a cabeça.

Com um movimento da cauda, ele mergulhou no feixe violeta e tudo mudou.

A água tornou-se azul, e sopros de névoa acobreada elevaram-se dos leitos de areia e vidro. E a luz! Havia luz por todo o lado, a irradiar de um sol invisível.

O meu coração começou a acelerar com a expetativa e agarrei-me aos chifres de Seryu enquanto ele descia a toda a velocidade, nadando tão depressa que quase fiquei sem fôlego.

Estamos quase a chegar, Kiki, pensei com entusiasmo na nossa língua comum e silenciosa, mas ela não respondeu. Um olhar para a minha manga disse-me porquê: o meu pobre pássaro de papel tinha desmaiado.

Não a censurei. Estávamos a avançar a uma velocidade vertiginosa e a minha cabeça latejava como uma tempestade enquanto eu tentava focar os meus olhos. Mas não podia permitir-me desmaiar. Nem sequer me atrevi a fechar os olhos.

Queria ver tudo.

Por fim, chegámos a um labirinto de recifes de coral reluzentes, braças abaixo do mar mortal. A erva marinha balançava numa corrente invisível, dunas de areia branca e rochas douradas pontilhavam o terreno, e copas de flores do mar trançadas formavam os telhados das moradias subaquáticas.

Então isto era Ai'long, o lar dos dragões?

Era um mundo que poucos mortais alguma vez vislumbrariam. À primeira vista, não parecia muito diferente de terra. No lugar das árvores havia pilares de coral, alguns esguios e outros grossos, a maior parte com ramos em espiral adornados com pulseiras de musgo. Até a forma como os peixes deslizavam, com as barbatanas afuniladas como asas, me fazia lembrar os pássaros a voar no céu.

E, no entanto… não era como nada que eu já tivesse visto. O movimento da água, que girava e se agitava sem parar, refletia-se em lampejos de cor e ondas de peixes. A forma como a erva marinha fazia cócegas aos peixes que passavam, como se pudessem falar uns com os outros.

Seryu sorriu satisfeito enquanto eu contemplava a vista.

— Eu disse-te que te ia deslumbrar.

Ele tinha razão, claro. Eu estava deslumbrada. Mas, por outro lado, Ai'long fora concebido para deslumbrar olhos mortais como os meus. Era esse o seu perigo, afinal de contas. A sua emboscada.

Um lugar tão belo que até o tempo prendia a respiração.

Cada hora que passares aqui é um dia perdido em casa, se não mais, lembrei-me severamente. Esse tempo não tardaria a acumular-se, e eu já estava longe do meu pai e dos meus irmãos há tanto tempo que não queria desperdiçar um único minuto.

Vamos. Fiz sinal com um pontapé no longo flanco serpentino do dragão.

— Eu não sou um cavalo, sabes. — As sobrancelhas verdes de Seryu arquearam-se quando se virou para olhar para mim. — Porque estás tão calada, Shiori? Não estás a suster a respiração, pois não?

Quando não respondi, ele atirou-me para as suas costas e disparou a sua garra para me beliscar o nariz.

Uma corrente de bolhas escapou-me — o ar que eu tinha estado a conter.

Mas, por todos os deuses, eu conseguia respirar! Ou, pelo menos, senti que estava a respirar. A água tinha um sabor doce em vez de salgado, inebriante, como um vinho de ameixa capitoso quando inalava demasiado fundo, mas talvez isso fosse porque a minha cabeça ainda estava a girar.

— Desde que uses um pedaço da minha pérola, podes respirar debaixo de água — explicou Seryu, lembrando-me do fragmento brilhante que trazia ao pescoço. — Pode já não estar dentro do teu coração, por isso não podemos partilhar pensamentos… mas sabes que podes falar, certo?

— Claro que sei — menti.

Disfarçando o meu alívio, toquei na pequena pérola. Mesmo a esta profundidade, brilhava como uma gota de luar.

— Talvez seja melhor escondê-la — disse Seryu. — As pessoas podem ficar com uma ideia errada.

— Pensei que era só para me ajudar a respirar. Porque haviam de…?

— É demasiado complicado de explicar — murmurou o dragão com um rosnado. — Já me tinha esquecido da quantidade de perguntas que fazes. Talvez *devesse* ter-te deixado continuar a suster a respiração.

Franzi o sobrolho.

— Estás de mau humor.

— Os humanos não são propriamente bem-vindos em Ai'long — disse Seryu baixinho. — Estou a pensar nas infinitas formas como a tua visita pode correr mal.

Não acreditei nele. Passara o dia inteiro de mau humor, a começar quando fora ter comigo à praia. Mal cumprimentou os meus irmãos, ignorou completamente Takkan…

— Não vou ter histórias engraçadas para contar quando chegar a casa?

E eu que andei a dizer a toda a gente que o próprio príncipe dos dragões me iria fazer uma visita guiada ao seu reino — tentei dissuadi-lo com uma piada.

— Quanto mais curta for a tua visita, melhor. — Os olhos vermelhos de Seryu desviaram-se para a minha bolsa, pendurada no meu ombro. — Estás aqui para entregar uma coisa ao meu avô, não para te divertires.

Aquilo acabou com as minhas intenções de o animar. Agora até *eu* estava de mau humor.

Abri a bolsa, só um bocadinho. A *coisa* que eu tinha de entregar era uma pérola de dragão escura e partida. Raikama deixara-ma antes de morrer, e o seu poder era tão forte que conseguia senti-la a lutar contra o encantamento da minha bolsa, que a mantinha fechada e escondida. Não era de estranhar que o avô de Seryu a quisesse.

Mas não era a única coisa que estava dentro da bolsa. Também tinha a minha rede de tranco-celeste — para ter alguma proteção contra o Rei Dragão — e o caderno de desenhos que Takkan me tinha oferecido quando nos despedimos.

— Mais cartas? — perguntei, agarrando no caderno com as duas mãos.

— Melhor — garantira-me Takkan. — Para não me esqueceres.

O que poderia ser melhor do que as cartas dele? Olhei para o caderno com nostalgia, desejando poder passar os nós dos dedos pela lombada lisa e folhear as páginas manchadas de carvão. Mas achei que seria falta de educação ler na companhia de Seryu.

Seryu certamente concordava. Semicerrou os olhos.

— Nunca te vi corar perante a pérola.

— A sua luz torna-se brilhante — apressei-me a responder. — Aquece-me as faces.

Ele escarneceu da mentira.

— Pelo menos o teu principezinho humano não se atirou ao mar atrás de nós. Pela maneira como ele olhou para ti quando estavas a sair, pensei que o faria. Não teria conseguido passar dos recifes antes de os tubarões o apanharem.

Fechei a bolsa.

— A sério, tubarões?

— O meu avô emprega um pelotão deles. — Seryu sorriu. — Estão sempre com fome. Não tarda nada encontramos um.

O meu coração começou a martelar. Estávamos assim tão perto do palácio de Nazayun?

Seryu interpretou mal a minha apreensão e o seu tom suavizou-se ligeiramente.

— Não te preocupes, os tubarões não gostam de humanos fibrosos como tu.

Talvez mudem de ideias, pensei. Quando o Rei Dragão soubesse porque é que eu estava realmente em Ai'long, teria sorte se me concedesse uma morte tão rápida.

Nervosa, deslizei de volta para Seryu, dando pontapés com mais força do que o necessário. Nadar em Ai'long não era nada como nadar em água normal. A água aqui era tão leve como o ar, e pequenas correntes deslizavam-me sob os pés, impulsionando-me para onde eu precisava de ir. Era como se estivesse a voar.

Avancei à frente do dragão, disparando uma corrente demasiado alta. Sem mais nem menos, um punhado de alforrecas lançou-se sobre mim.

Havia pelo menos uma dúzia delas. Os seus corpos tinham a forma de guarda-chuvas luminosos e os seus tentáculos rodopiavam numa dança sinuosa. Aproximaram-se com ousadia, roçando nos meus braços e nas minhas pernas, até mesmo entrelaçando-se nos meus longos cabelos. Ri-me das cócegas, até que Seryu soltou um grunhido.

— Deixem-na em paz. — Os seus olhos vermelhos estava fixos nos intrusos. — Ela está comigo.

As alforrecas afastaram-se, mas não se dispersaram. Muito pelo contrário. Enquanto Seryu tentava rebocar-me, agarrando-me no cabelo, elas seguiram-no e aproximaram-se ainda mais.

Depois, tal como o Mar Taijin, mudaram.

A luz dourada que irradiava dos seus corpos desvaneceu-se num clarão, e os seus tentáculos, suaves como fitas de seda, tornaram-se duros e pontiagudos. Duas delas atravessaram-se entre mim e Seryu, separando-nos à força. As restantes cercaram-nos.

Peguei na faca escondida na minha bainha. Mal consegui empunhá-la. Uns tentáculos frios e escorregadios agarraram-me as costas e enrolaram-se nos meus braços.

Pequenas farpas surgiram dos tentáculos da minha atacante, raspando sobre a minha pele — um aviso letal para não resistir. Uma picada e ficaria paralisada para o resto da vida.

Derrotada, permaneci imóvel e larguei a faca, deixando-a flutuar para fora do meu alcance. Em troca, a alforreca afrouxou o seu aperto, mas apenas ligeiramente. Os seus tentáculos começaram a procurar outras armas escondidas e, enquanto remexiam na minha bolsa e na minha túnica, Kiki escapou-me da manga.

Estava grogue e as suas asas esticaram-se dramaticamente enquanto bocejava para anunciar que estava acordada. Mas quando os seus olhos escuros se abriram e ela viu as medusas, gritou.

Demónios ardentes e borbulhantes de Tambu!

Não é um demónio, garanti-lhe, abraçando a minha bolsa enquanto os tentáculos tentavam abri-la. *É uma alforreca.*

Uma quê?

A medusa pairou sobre Kiki, examinando-a de perto.

O meu pássaro cobriu a cabeça com uma asa.

Oh, deuses, gemeu. *Deixem-me desmaiar outra vez.*

Para alívio de Kiki, a alforreca considerou-a indigna da sua atenção e voltou para a minha bolsa. Os seus tentáculos puxaram com força as alças, mas eu aguentei o mais que pude.

— Podes picar-me à vontade — disse eu. — Não vais levar isto contigo.

A alforreca sibilou e mostrou as suas farpas venenosas.

— Fora daqui! — gritou Seryu. A sua cauda agitou-se para trás e para a frente, criando inúmeras ondulações, como pequenas tempestades. Com um golpe da sua garra, abriu um feroz rasgão na água.

Enquanto a alforreca se debatia contra a corrente súbita, Seryu atirou-me para as suas costas e mergulhou numa selva de corais, nadando em direção às agulhas de cristal. Atirou a faca para o meu colo.

— A sério, Shiori? É isto que trazes para Ai'long?

Encolhi os ombros, indiferente.

— Pensaste que viria desarmada?

— Já conheceste o meu avô. Este teu punhalzito mal seria uma farpa.

— As farpas podem magoar na mesma — foi tudo o que disse, voltando a guardar a lâmina na minha faixa. — O que eram aquelas alforrecas?

— Patrulhas.

— Para quê?

— Intrusos e assassinos.

Ele não deu mais pormenores, um sinal para que eu ficasse por ali. Mas eu estava demasiado curiosa.

— Havia algo mágico nelas.

— A maioria dos súbditos do meu avô tem… uma certa capacidade. Ajuda a repelir aqueles que tentam entrar em Ai'long sem serem convidados.

— Mas porquê revistar-me? Eu fui convidada.

— Claramente estavam à procura da pérola da tua madrasta — protestou Seryu. — As medusas gostam de magia das trevas. Também são especializadas em detetar enganos.

Uma onda de inquietação apoderou-se de mim.

— Enganos?

— Sim, como aquela agulha de aço que não te dignaste dizer-me que trazias contigo. — A voz de Seryu endureceu. — Não te preocupes. A tua estada em Ai'long será curta; não terás de conhecer a nossa corte.

Não era isso que me preocupava, mas mantive-me em silêncio e olhei para Kiki.

Ela desmaiara na minha palma, e as suas asas tinham-se transformado num caroço abatido. Por sorte, não prestara atenção à minha conversa com Seryu. Eu adorava-a, mas guardar segredos não era um dos seus fortes.

Estamos quase a chegar?, perguntou, rezingona. *Eu devia ter ficado em terra. Sinto-me enjoada.*

Ninguém enjoa debaixo de água.

Kiki enrugou o bico, soltando um suspiro teatral.

Não podes dizer ao dragão para nadar com mais cuidado? Até as baleias se movem com mais delicadeza do que ele.

Diz-lhe tu. Ele tem estado mal-humorado o dia todo.

Porquê? Kiki franziu o sobrolho. *Está zangado contigo?*

Claro que não.

Será por causa da alforreca? Pelos deuses, Shiori, achas que elas sabem? Talvez devesses dizer-lhe que tencionas ficar com a pérola da R…

Os meus olhos arregalaram-se e enfiei-a na manga antes que Seryu a ouvisse.

Kiki quase dissera: *A pérola da Raikama.*

Não, eu não lhe tinha contado. Não tencionava fazê-lo.

A culpa assaltou-me a consciência, mas afastei-a. Não havia nada de que me sentir culpada. Não estava a faltar à minha palavra. Tinha prometido a Seryu que levaria a pérola de Raikama ao seu avô, mas nunca disse que a deixaria com ele.

«Promete que apenas a darás ao dragão que tiver o poder para voltar a torná-la inteira», fora a promessa que Raikama me obrigara a fazer antes da sua morte.

Como se conseguisse ler-me os pensamentos, a pérola dentro da minha bolsa começou a pulsar. Quase a conseguia ver na minha mente: a girar e a maquinar, a tentar encontrar uma saída. Era do tamanho de um pêssego, pouco maior que a palma da minha mão, mas no seu auge reluzia como uma gota de luz solar. Porém, agora que Raikama partira, a sua luz era fraca, e a fratura no seu centro parecia aumentar cada vez que eu olhava para ela.

Essa fratura não sararia até que a pérola se reunisse com o seu verdadeiro dono. Tive a sensação de que a mágoa que tinha enterrado dentro de mim era a mesma, aprofundando o buraco no meu coração até que a minha promessa a Raikama fosse cumprida.

— Uma promessa não é um beijo ao vento, atirado ao acaso — murmurei para mim mesma. — É um pedaço de ti que é dado e que não voltará até que o teu compromisso seja cumprido.

Eram as palavras da minha madrasta de há muito tempo. Palavras que eu odiava porque me faziam sentir culpada, mesmo que as ignorasse. Nunca teria imaginado que me voltaria para elas em busca de conforto.

A pérola estremeceu, respondendo à minha inquietação, e eu levantei a bolsa para o meu colo para que Seryu não reparasse. Já tinha

faltado demasiadas vezes à minha palavra, a Raikama mais do que a qualquer outro. Desta vez, não o faria.

Vou certificar-me de que voltas a ser completa, jurei à pérola em silêncio. *Hei de levar-te para casa.*

Custe o que custar.



Capítulo Dois

As muralhas que cercavam o palácio do Rei Nazayun eram incrivelmente altas. Mais altas do que eu conseguia ver, mesmo até às luzes violetas que marcavam os limites do reino, e os seus cumes afiados pareciam agulhas a picar as veias do oceano.

Uma plateia de criaturas marinhas tinha-se reunido no exterior do palácio. Baleias maiores do que os navios de guerra do meu pai; tartarugas marinhas sarapintadas, misturando-se com a areia e as rochas; golfinhos; lulas; e, quando olhei mais de perto, até caranguejos e cavalos-marinhos. Entre eles havia dragões, alguns com humanos montados nas costas. Todos baixaram a cabeça em sinal de respeito pela passagem de Seryu, mas os seus olhares estavam fixos em mim.

— Não me toques nos chifres aqui — rosnou Seryu. — São um indicador de estatuto em Ai'long, e eu sou um príncipe dragão, não um touro.

Larguei-os como se tivesse tocado em fogo.

— Desculpa.

Não demorei muito a perceber o que ele queria dizer. Os chifres dos outros dragões curvavam-se para baixo, como os de um carneiro, muitas vezes com sulcos ou arestas, e com cores que iam do cinzento ao marfim e ao preto.

Os de Seryu eram prateados e lisos, mas acima de tudo eram ramificados, como os chifres de um veado. Uma coroa natural.

— Costuma haver uma multidão como esta para te receber?

— Não. — A voz de Seryu tornou-se tensa. — Eles estão aqui por ti.

Isso fez-me endireitar as costas.

— Por mim?

— Estão a apostar se o avô te atira aos tubarões ou te transforma em pedra.

Não sabia se ele estava a falar a sério ou a ser sarcástico. Talvez as duas coisas.

— Não há outras alternativas? — perguntei.

— Nenhuma que achasses mais agradável. Já te disse, os humanos não são bem-vindos aqui.

— Mas estou a ver tantos.

As longas costas de Seryu enrijeceram e suas escamas ficaram opacas.

— Olha outra vez.

Franzi a testa, mas, curiosa agora, virei-me novamente.

A princípio não vi nada fora do comum. Sim, os humanos montados nos dragões estavam vestidos com as riquezas do mar, com casacos e vestidos que brilhavam como uma amêijoa iridescente adornada com as pétalas dos lírios-do-mar. Mas, além disso, eram parecidos comigo.

Pelo menos até eu aguçar o olhar e ver para lá dos seus rostos. Vi as guelras a brilhar-lhes nos pescoços, as escamas de peixe a salpicar-lhes os braços. Alguns até tinham asas agarradas às omoplatas e barbatanas nos pulsos e tornozelos. Quando me viram, cerraram os lábios e dirigiram-me um sorriso retorcido.

— Então — disse eu com nervosismo — sou mesmo como um porco.

— O quê?

— Foi o que disseste quando nos conhecemos: que convidar-me para Ai'long seria como trazer um porco para conhecer a tua família. Pensei que estavas a brincar.

— Nunca esperei trazer-te aqui, Shiori — disse ele, com uma voz tão baixa que quase não o ouvi. Estávamos quase a chegar aos portões. — Quero que saibas isso.

Parecia um pedido de desculpa, mas não percebi porquê. Nunca tive a oportunidade de perguntar. Um coro ensurdecedor de búzios soou e depois, de repente, uma corrente invisível arrancou-me das costas de Seryu e arrastou-me para dentro do palácio.

Aconteceu com a rapidez de um golpe de espada. Só percebi que tinha sido puxada quando já era tarde demais.

— Shiori! — Seryu correu para as portas, tentando entrar antes que se fechassem. — Avô, não!

Foi a última vez que o vi antes de ser arrastada para a água a toda a velocidade por uma corrente tão rápida que fez a nossa viagem anterior parecer lenta. Quando a corrente me cuspiu no meu destino, tive a certeza de que tinha desmaiado, pelo menos durante alguns segundos.

Aterrei na maior sala que alguma vez tinha visto. Era vasta e imensa, os seus pilares estendiam-se até onde os meus olhos podiam ver e, com exceção de uma janela com o que pareciam ser cascatas de vidro preto, tudo, das paredes aos tetos, era da cor dos ossos. Ou neve, para quem fosse do tipo mais alegre.

Bati os pés contra o fundo do mar e impeli-me para cima.

Fomos comidas por uma baleia?, sussurrou Kiki de dentro da minha manga.

Se não estivéssemos numa situação tão urgente, ter-me-ia rido. A sala parecia a caixa torácica de uma baleia. As paredes eram revestidas de pilares de mármore, uniformemente espaçados e três vezes mais altos do que o salão de cerimónias do palácio do meu pai. As suas extremidades arqueavam-se de forma impossível em direção a um teto aberto, como uma gaiola de ossos.

Por precaução, desembainhei a minha faca. Os espaços entre os pilares eram largos o suficiente para se poder passar, e as portas do palácio brilhavam ao longe. Será que Seryu continuava ali, à minha procura?

Segurei a faca com força. Não ia ficar ali à espera para descobrir.

Mergulhei entre dois dos pilares e já tinha conseguido sair da câmara quando algas longas e retorcidas brotaram dos pilares e se enrolaram nos meus membros.

Shiori! Kiki saiu da minha manga.

Cortei a alga. Os caules eram mais finos do que as algas que eu fervia nas minhas sopas. Mas as aparências iludem. Esta alga era forte como ferro e estava viva, fazendo surgir três novas folhas por cada uma que eu cortava. Empurraram Kiki para longe de mim e rodearam-me os pulsos, arrancando-me a faca e prendendo-me contra um pilar.

Depois vieram os tubarões.

Não tinha acreditado em Seryu quando ele os mencionara antes, mas ali estavam eles. Cada um era dez vezes maior do que eu, com fileiras de dentes afiados como espinhos e olhos negro-azulados que não hesitariam em transformar-me num aperitivo.

— Seryu! — gritei. — Seryu!

— Ele irá juntar-se a nós em breve.

A cauda do Rei Dragão enrolou-se à volta dos pilares e eu arrepiei-me.

— O meu neto falou-me muito de ti desde a última vez que nos vimos, Shiori'anma — disse ele. — Os teus deuses prestaram-te uma atenção invulgar: a filha adotiva da Rainha Sem Nome, a sangue puro de Kiata… e agora a portadora da pérola do Espectro.

Do Espectro? As minhas orelhas arrepiaram-se. Era a primeira vez que ouvia aquele termo.

Longos e retorcidos raios prateados perfuraram as sombras: os chifres de Nazayun.

— Mostra-ma.

As algas afrouxaram o seu aperto em torno dos meus pulsos o suficiente para que eu pudesse abrir a bolsa. Estendi a mão e os meus dedos tocaram na pérola partida e depois na rede de tranco-celeste.

O meu desejo era atirar a rede para cima do Rei Dragão. Afinal, o tranco-celeste era a única fraqueza de um dragão. A única coisa suficientemente poderosa para o separar do seu coração. E, demónios me levem, eu sacrificara tanto para fazer a rede.

Os tubarões ter-me-iam despedaçado se me tivesse arriscado, mas felizmente a pérola não me deu hipótese. Quando abri a bolsa, emitiu um zumbido baixo e trocista, e saiu.

Comecei a suspeitar de que estava viva de alguma forma estranha. No palácio do meu pai, sempre que a deixava no meu quarto, encontrava-a a pairar no ar ao meu lado, como se me observasse. À espera.

«A pérola pega no destino e distorce-o de acordo com o seu próprio propósito», fora o que dissera Raikama.

Depois do que tinha feito aos meus irmãos, não seria tão tola a ponto de supor que o seu propósito incluía manter-me viva. Assim, observei,

prendendo a respiração, enquanto a pérola se erguia para encontrar o olhar pálido de Nazayun.

O descontentamento refletiu-se na expressão do dragão.

— Conectou-se a ti.

— Por agora — respondi. — Jurei à minha madrasta que devolveria a pérola ao seu legítimo dono.

Ele rosnou.

— Juraste a Seryu que ma darias.

— Que a *traria* até vós — corrigi. — Não que vo-la *daria*. A pérola não vos pertence.

— Uma pérola de dragão pertence a Ai'long. — Nazayun elevou-se sobre mim, cravando as suas garras no chão. — Eu *sou* Ai'long.

— Porque a quereis? — perguntei. — Já vi como é uma verdadeira pérola de dragão. É pura e inspiradora, nada como esta. Esta aqui é…

— Uma abominação.

— Como dizeis — respondi. — Então porque a quereis?

— Sua humana ignorante, não sabes mesmo nada! — berrou o Rei Dragão. — A pérola do Espectro é uma coisa quebrada. Anseia pela destruição tanto quanto a abomina. Por si só, não consegue encontrar o equilíbrio, por isso dependia de alguém como a tua madrasta para moderar o seu poder. Mas a Rainha Sem Nome está morta, e a pérola está demasiado quebrada para aceitar um novo hospedeiro. Em breve quebrar-se-á por completo. Quando isso acontecer, libertará uma força maior do que qualquer coisa que possas imaginar. Suficientemente grande para devastar a tua amada Kiata.

Por uma vez, acreditei nele.

— A menos que seja devolvido ao Espectro.

— Isso não é uma opção — disse Nazayun. — Tem de ser destruída e, quando o for, o Espectro também sucumbirá. Renuncia à tua ligação e dá-me a pérola.

Hesitei. A pérola pairava sobre a minha palma, com as metades quebradas ligeiramente separadas ao longo de uma borda. Parecia frágil, como as pétalas de uma flor de lótus. Mas, mesmo assim, conseguia sentir o terrível poder que continha.

Teria Raikama cometido um erro ao pedir que a devolvesse ao Espectro, ou seria um dos truques de Nazayun?

Por um momento, a minha consciência contorceu-se de indecisão. Então, cerrei os punhos e a pérola voou para o meu lado. *Confio na Raikama.*

— A pérola pertence ao dragão que tem a força para a tornar completa novamente — declarei. — Vós não sois esse dragão.

A fúria iluminou os olhos brancos do Rei Dragão.

— Que assim seja.

Atrás dele, os tubarões avançaram na minha direção, estalando as mandíbulas. Nos seus olhos vítreos cintilavam visões de um fim horrível: eu, cortada em filetes numa centena de pedaços sangrentos que tingiam a água de vermelho.

Não, Shiori!, gritou Kiki ao meu ouvido.

As algas enrolaram-se à volta da minha cintura e tornozelos, mantendo-me imóvel. Felizmente, eu antecipara aquele momento.

Nunca vás para uma batalha sem conheceres o teu adversário, era o que o meu irmão Benkai gostava de dizer. Antes de partir para Ai'long, ele transmitira-me toda a sabedoria militar possível: *Aquele que consegue surpreender o seu inimigo está sempre em vantagem.*

E eis que a minha surpresa chegou: bati com a anca na pérola, fazendo-a embater no pilar mais próximo. As suas metades separaram-se da base, abrindo-se como uma concha, e uma luz deslumbrante irrompeu.

As algas recuaram. Afrouxaram o aperto sobre os meus membros tempo suficiente para eu tirar a rede de tranco-celeste.

Atirei-a para o alto e gritei.

— Kiki!

O meu pássaro de papel saiu do seu esconderijo e agarrou o outro lado da rede. Juntas, atirámo-la para cima do enorme peito do Rei Dragão, puxando-a com força contra as suas escamas.

Apenas tinha usado a rede uma vez, para libertar Raikama do fardo que carregava. Nunca a tinha usado contra um dragão a sério.

A magia funcionou instantaneamente, agarrou-se às escamas de Nazayun e apagou o seu brilho de safira cintilante. Ele urrou, e a sua cabeça saltou para trás quando a rede se cravou no seu peito, delineando a forma do seu precioso coração.

Era pelo menos três vezes maior que o do Espectro, branco prateado e perfeitamente redondo, como uma lua inchada. Tudo o que eu tinha de fazer era alcançá-lo, e teria poder total sobre ele.

— Soltem-me — ordenei às algas, e elas libertaram-me os tornozelos. Os tubarões também recuaram.

Peguei na minha faca e cravei-a nas escamas de Nazayun para fixar a rede. O Rei Dragão rugiu de dor, mas eu não senti remorso. Afinal, as farpas também podiam magoar.

— Onde posso encontrar o Espectro? — perguntei.

Uma risada irrompeu da garganta de Nazayun.

— Respondei-me ou…

— Ou o quê? — Nazayun olhou para a pérola do Espectro, que pairava sobre ele como um prenúncio de desgraça. — Ou o quê, Shiori'anma?

Algo estava errado. O coração do Rei Dragão pulsava-lhe no peito, um sinal de que a rede de tranco-celeste devia estar a feri-lo. Então porque é que ele estava a *rir*?

— Devias ter-me entregado a pérola quando te dei a oportunidade — disse o Rei Dragão enquanto se contorcia de desconforto debaixo da rede. — O teu crime de tecer uma rede destas não pode ficar impune. Terias dormido por trezentos anos, tempo suficiente para que tudo o que conheces e amas se transformasse em pó. Depois, ter-te-ia devolvido a Kiata, como prometi. Infelizmente, fizeste a escolha errada. Por isso, nunca mais voltarás a ver a tua terra natal.

A faca que enfiara entre as escamas de Nazayun dissolveu-se subitamente na água, e ele arrancou a rede do peito. Esta estalou nas suas garras, queimando-lhe a pele, antes de ele a atirar para as algas, fora do meu alcance.

— Pensaste que seria assim tão fácil arrancar-me o coração? — Ele riu-se enquanto as suas feridas saravam diante dos meus olhos. — Eu sou um deus dragão. Nem mesmo o tranco-celeste me pode fazer mal.

Cambaleei e coloquei as palmas das mãos à volta da pérola do Espectro.

— Então e que tal…?

Não cheguei a terminar a minha ameaça. As paredes atrás de mim começaram a cantar, e uma onda de água atingiu a janela de vidro preto que eu tinha visto antes, criando um redemoinho.

Dela saiu um segundo dragão. Vi apenas lampejos de escamas vermelhas e um par de olhos redondos e dourados. Depois deu-me um puxão forte no pescoço e eu assustei-me.

— Se não nos deres a pérola que queremos, ficaremos com esta por agora.

O dragão escarlate segurou o colar que Seryu me tinha avisado para usar sempre: o fragmento do seu coração que me permitiria respirar em Ai'long.

Pressionei a garganta com as mãos enquanto os meus pulmões se contorciam. Havia água por todo o lado e entrava-me pela boca, enchendo-me os pulmões. O meu coração zumbia-me nos ouvidos, batendo em alarme à medida que o peso dos mares se aproximava. Estava a afogar-me.

— Esta é a minha filha, a Senhora dos Mares do Leste — anunciou Nazayun, como se fosse a hora das apresentações. — Já que não me dás a pérola, deixo-a encarregada da sua restituição.

A filha de Nazayun observou enquanto eu sufocava.

— Tenho uma teoria — ronronou ela — de que a alma humana é feita de pequenas cordas que a prendem à vida.

Apertou-me o coração com as unhas e eu arquejei de dor quando ela puxou um longo fio de prata e ouro que eu nunca tinha visto antes — um fio da minha alma.

— É lindo, não é? Tão frágil, mas tão vital. — Torceu o fio à volta da unha. — Se eu cortar o suficiente e deixar, digamos, um último fio pendurado, a pérola romperá a sua ligação contigo em busca de alguém que não esteja à beira da morte.

Tentou cortar o fio com a unha, mas ele brilhou e recuou para dentro de mim.

O nojo retesou-lhe os bigodes.

— Um estado difícil de alcançar, sobretudo com uma alma tão obstinada como a tua, mas temos tempo para experimentar.

Eu não tinha tempo. O meu mundo estava a reduzir-se rapidamente e chamei pela pérola do Espectro.

Salva-me, implorei. *Salva-me ou nunca encontrarás o lugar onde pertences. Nunca irás para casa.*

A pérola começou a pulsar. Uma vez. Duas vezes. Depois mais rápido, um contraponto acelerado ao meu pulso moribundo, e uma explosão de luz irrompeu das metades quebradas.

— Uma lutadora — murmurou o dragão escarlate enquanto nadava para a frente, obstruindo a minha visão da pérola. Tocou-me na testa com uma palma fria.

— Nunca brinques com um dragão — sussurrou ela. — Não tens como vencer.

E antes que o meu último suspiro me deixasse, o mundo desvaneceu-se num nada.